

“SEU JUÍZO É DOS POUCOS QUE VERDADEIRAMENTE CONTAM PARA MIM”: MURILO MENDES ESCREVE PARA ANTONIO CANDIDO (1958-1972)

RAPHAEL SALOMÃO KHÉDE *

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar e contextualizar 15 cartas inéditas enviadas por Murilo Mendes para Antonio Candido, de Roma, entre 1958 e 1972. Embora seja uma correspondência de uma via só, depositada no acervo de Murilo Mendes em Juiz de Fora, as missivas trazem informações relevantes a respeito da trajetória não somente de Antonio Candido e Murilo Mendes, mas também de Gilda de Mello e Souza.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Mendes; Antonio Candido; Cartas Inéditas; Poesia; Literatura Brasileira.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a apresentar e contextualizar 15 cartas inéditas enviadas, de Roma, por Murilo Mendes (1901-1975) para Antonio Candido (1918-2017) e Gilda de Mello e Souza (1919-2005), entre 1958 e 1972. Embora se trate de uma correspondência de uma via só, depositada no acervo de Murilo Mendes em Juiz de Fora, as missivas trazem informações relevantes a respeito da trajetória não somente de Antonio Candido e Murilo Mendes, mas também de Gilda de Mello e Souza. As cartas foram escritas no período em que Murilo Mendes morava na Itália, exercendo o cargo de professor de literatura brasileira nas universidades de Roma e de Pisa, e de crítico de arte. Nas missivas, menciona-se o processo de criação de diversos

* Professor associado de Língua e Literatura Italiana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Rio de Janeiro, Brasil. Email: raphaelsalomao@hotmail.com Orcid: 0000-0003-3736-2526

textos de Murilo, entre os quais, sobretudo, *Tempo espanhol*, *Poesias (1925-1955)*, *Office humain*, *Finestra del caos* e *Retratos-relâmpago*. Do mesmo modo, são citados os artigos de Candido sobre Graciliano Ramos e sobre Stendhal, além de uma obra fundamental como *Formação da Literatura Brasileira*. De Gilda de Mello e Souza faz-se referência à sua pesquisa pioneira de doutorado sobre o universo da moda.

Murilo dedicou a Antonio Candido *Retratos relâmpago 1ª série*, publicado em 1973. Em 1976, Candido publicou, no jornal *Minas Gerais*, o artigo intitulado “Viagem ao mundo planetário onde moram os poetas CDA e MM”; em seguida, escreveu “Pastor/pianista” (reunido, em 1985, no volume *Na sala de aula. Caderno de análise literária*) e “Poesia e ficção na autobiografia” (publicado, em 1987, no livro *A educação pela noite e outros ensaios*).

Com a sua peculiar capacidade de síntese e de definição lapidária, Antonio Candido, em “Poesia e ficção na autobiografia” – ensaio em que analisou “livros recentes (publicados entre 1968 e 1973) produzidos por autores mineiros” –, definiu Murilo da seguinte maneira:

[...] O poeta mais radicalmente poeta da literatura brasileira, na medida em que praticamente nunca escreveu senão poesia, mesmo quando escrevia sob a aparência de prosa. A sua capacidade de reflexão e debate era grande, mas ele a exerceu sempre de modo poético, ao contrário de Manuel Bandeira, Mário de Andrade ou Carlos Drummond de Andrade, que são grandes prosadores ao mesmo tempo que grandes poetas (Candido, 1989, p. 57).

Candido valoriza, em sua análise, a construção de um estilo não homogêneo do autor, a partir de um trecho de *A idade do serrote* (1968) que julga paradigmático: “Movido por um instinto profundo, sempre procurei sacralizar o cotidiano, desbanalizar a vida real, criar ou recriar a dimensão do feérico” (Mendes, 1994, p. 903). O crítico comenta o trecho citado da seguinte maneira:

Este trecho decisivo explica a atitude literária de Murilo Mendes em sua poeticidade total, mostrando ao mesmo tempo por que ele alça o particular até o mais alto teor de generalidade. Além da técnica de “tema-

variação”, lembremos em *A idade do serrote*, para ficar nas analogias musicais que ele tanto prezava, a modulação de estilo, a mudança sucessiva e organizada de tonalidade, maneira, composição. Longe de recorrer a um discurso homogêneo, melodicamente desenvolvido, Murilo ajusta-o estruturalmente ao tema e à circunstância, quebrando a singularidade dos fatos e dando-lhes uma ampla possibilidade de significar (Candido, 1989, p. 58).

Candido menciona, em seguida, outro breve trecho do livro como exemplo da “variação de tamanho dos períodos e sua articulação nos capítulos”, “quando são referidos fatos e circunstâncias anteriores à possibilidade de a memória concatenar”: “O circo. Amanajós. O balão. O quarto escuro. O canto do Magnificat. Ciranda cirandinha. O bicho-papão. A mula-sem-cabeça. Os nomes do demônio. As meninas. A roda do arco. Pianolas. Quindum-sererê” (Mendes, 1994, p. 896)¹. Candido propõe a seguinte análise para o trecho:

Em três linhas, 13 períodos nominais, altamente elípticos, sem ligações nem coerência externa. Compare-se a capítulos como “Sebastiana” (p. 19-22) ou “Momentos e frases” (p. 68-71), feitos de um só período que ocupam cerca de 3 páginas cada um. Com espírito metafórico, poder-se-ia dizer que essa amplitude de composição sintática corresponde ao jogo permanente que passa do menor ao maior, do restrito ao amplo, do singular ao plural – conduzindo o leitor a uma superação constante do cotidiano por meio do poético, do fantástico ou do simplesmente exemplar, como é o propósito do narrador, grande estrategista do insólito e da transcendência (Candido, 1989, p. 59).

Já no texto “Pastor pianista / pianista pastor”, publicado pela primeira vez em 1984, mas elaborado entre 1958 e 1960, Candido investiga as “incongruências” e “dissonâncias” do estilo do autor, a partir da análise minuciosa do poema “O pastor

1 Candido cita a edição de 1968 da Sabiá.

pianista”, reunido no livro *As metamorfoses* (1944). Como sustentação teórica, o crítico cita um trecho de uma nota de rodapé, assinada por aquele que Candido (1989, p. 93) considera um “dos críticos mais penetrantes da obra do nosso poeta”, Lauro Escorel:

Não foi sem uma profunda razão que Murilo Mendes dedicou seu último livro, *As metamorfoses* [...] à memória de Wolfgang Amadeus Mozart. Pois há, na verdade, entre o poeta de *A poesia em pânico* e a música, cuja pureza inefável o gênio mozarteano encarnou mais do que qualquer outro, uma aliança fundamental, íntima, indissolúvel, que faz com que a natureza de sua poesia seja essencialmente musical. A musicalidade, porém, do poeta Murilo Mendes, não reside na forma poética, não nasce do ritmo, da harmonia ou da cadência do verso, não é, em suma, uma melodia verbal: ela é antes uma atmosfera anímica, que confere uma qualidade singular à sua visão do mundo. É a música, de fato, que alimenta a imaginação do poeta, abrindo-lhe perspectivas superreais, enriquecendo-o de visões oníricas, tornando-o sensível às confidências do invisível e animando-o a lançar-se à livre aventura da recriação poética do mundo. As suas evocações líricas são frequentemente evocações de sonhos vividos em vigília, sob o poder encantatório da sugestão musical. Os elementos com que Murilo Mendes joga, não são aqueles que o pensamento racional qualifica de reais. Não teremos acesso, por isso, ao mundo recriado pela sua imaginação, se não estivermos dispostos a abandonar previamente os critérios lógicos com que habitualmente tomamos conhecimento da realidade. [...] Familiarizado com os planos mais abstratos da música, Murilo Mendes convive com as ficções, com os sonhos, com as imagens, com as “correspondências”, com as alucinações subjetivas, com os mitos, que povoam o seu espírito e que dão à sua obra uma auréola de irrealidade, embora sejam na verdade essenciais para que ele tome plenamente posse do real (Escorel, 1944, p. 3).

Com base na análise de Escorel, Candido afirma que a poesia de Murilo é uma “poesia da ruptura, descartando a coerência e procurando uma espécie de assimetria, que às vezes funciona como fecundo escândalo poético” (Candido, 1989, p. 93).

Na carta escrita à caneta, de 15 de fevereiro de 1958, Murilo escreve para o crítico convidando-o – assim como fez com João Cabral, Drummond e Alceu Amoroso Lima – a enviar um texto em homenagem aos setenta anos de Giuseppe Ungaretti (1888-1970). É importante abrir um pequeno parêntesis sobre a relação entre Murilo e Ungaretti, o qual ocupou a cátedra de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, entre 1936 e 1942. O poeta italiano, além de ter prefaciado a edição bilíngue de *Siciliana*, que saiu na Itália em 1959, traduziu (junto a Luciana Stegagno Picchio, A. A. Chiocchio e Ruggero Jacobbi), em 1961, poemas de Murilo para uma antologia italiana em edição bilíngue, intitulada *Introdução à poesia de Murilo Mendes* (volume organizado por Ruggero Jacobbi); no mesmo ano, traduziu, também, os textos que compõem a pequena antologia *Finestra del caos* (Milão, 1961). Em *Ipotesi*, como exemplo de intertextualidade na obra do autor, há um poema em forma de homenagem a Ungaretti, no qual a pergunta sobre os “limites da linguagem” corresponde à indagação que aparece no “Murilograma a Giuseppe Ungaretti”, com a dúvida que paira, na parte final, sobre o futuro da palavra: “*Esisterà domani / la parola domani?*”. Antes disso, como uma colagem surrealista, estão dispostos, na coluna da direita, em caixa-alta, dois elencos numericamente simétricos, divididos por um espaço branco e com um ponto final (na conclusão do segundo elenco), representando uma homenagem a poetas (citados continuamente ao longo da obra muriliana), que experimentaram a crise e a catástrofe em suas criações:

MALLARMÉ
GONGORA
WILLIAM BLAKE
MEMORIA
CRISI
CATASTROFE.

“Murilograma a Ungaretti”, escrito em Roma, em 1965, faz referência ao poema “*La pietà*” (1928), de Giuseppe Ungaretti, reunido no volume *Sentimento del tempo*, cujo primeiro verso (“*Sono un uomo ferito*”) é citado no terceiro verso do texto de

Murilo: “*Uomo ferito*’ ir, prestes arando / para fundar o ser, próprio à palavra”. Esse murilograma é constituído de sete dísticos, sendo que cinco deles têm períodos construídos com o verbo no infinitivo, sem a oração principal, como é possível verificar no primeiro dístico: “Conhecer os limites da linguagem / Afrontando as palavras travestidas”. O efeito criado é realmente o de uma dissonância rítmica: os “limites da linguagem”, por ser a palavra “refratária” e “travestida”, são concretizados pela ruptura rítmica, pelo andamento amelódico dos versos truncados, até chegarmos ao abstrato: “A natureza, didascália informe, / Exaure-se, frente ao diagrama abstrato”. Na carta de fevereiro de 1958, Murilo escreve:

Realizam-se atualmente na Itália comemorações pelo 70º aniversário de Ungaretti, cujo nome está ligado ao Brasil por tantos motivos. A comissão organizadora, composta de nomes expressivos das letras italianas, encarregou-me de convidar alguns dos mais eminentes escritores brasileiros a darem seu depoimento sobre o poeta ou sobre o homem, ou a tratar dalgum aspecto de sua obra. Não há restrições de espaço, mas se preferir poderá enviar um texto curto. A tradução será feita aqui, por pessoa competente. Seu testemunho – que antecipadamente agradeço – constituiria uma valiosa contribuição a esta homenagem a um grande poeta e a um homem a quem a cultura brasileira muito deve. Nossas afetuosas saudades a Gilda, e a v. o abraço muito cordial do seu amo e admirador Murilo Mendes.

Em 10 de março, Murilo escreve parabenizando o casal pelo nascimento da filha Marina; o poeta afirma que Saudade e ele sempre liam os artigos do crítico, com particular interesse por aqueles dedicados a Stendhal. O poeta, grande leitor de romances “entre os vinte e os quarenta anos”, declara sua predileção por autores como Stendhal e Dostoievski. De fato, ainda estão conservados na biblioteca de Murilo, em Juiz de Fora, dez volumes de Stendhal em francês: *Armance* (Paris, 19-), *De l’amour* (Paris, 1935), *Histoire de la peinture en Italie* (Paris, 19-), *Memoires d’un touriste* (Paris, 1929), *Pages d’Italie* (Paris, 1932), *Petit guide d’Italie* (Paris, 1951), *Racine et Shakespeare* (Paris, 19-), *Souvenirs d’egotisme* (Paris-1948), *The Charterhouse of Parma* (Toronto, 1951) e *Vie de Rossini* (Paris, 193-). De Dostoievski,

há cinco volumes na biblioteca do autor: *Journal d'un écrivain* (Paris, 1951), *Les frères Karamazov* (Paris, 1948), *L'éternel mari* (Paris, 1948), *Mémoires écrits dans un souterrain* (1949), *Os irmãos Karamazov* (São Paulo, 1944). Na carta, Murilo pergunta a respeito da publicação da *Formação da Literatura Brasileira*, editado em 1959, em dois volumes:

Caros Antonio Candido e Gilda,
Acabamos de receber a carta de Gilda e as duas *plaquettes* preciosas que vamos ler com grande interesse e atenção. Obrigados, obrigados. Parabéns pela menina que chegou; auguramos que lhes dê sempre grande alegria e prazer. Temos lido sempre os excelentes artigos de A. C., inclusive os dedicados a Stendhal, o que particularmente me agrada, pois desde a ma. primeira mocidade H. B. é um dos meus maiores amigos. Entre os 20 e 40 anos li muito romance, mas ultimamente só dois resistem, pa. mim, à releitura frequente: H. B. e Dostoievski. Quando é que sairá a *História da Literatura Brasileira*, de A. C.?... Estou mais do que ansioso. Infelizmente não vi a resenha dos meus livros feita pelo A. C. Seria possível receber o recorte? Se vcs. não têm duplicata, devolveria logo, honestamente. Disponha, sem cerimônia dos meus préstimos aqui, e aceitem afetuosos abraços de Saudade e deste amo e admirador contumaz.

Em 21 de abril de 1958, Murilo escreve agradecendo a disponibilidade de Candido em enviar o texto, já que somente ele e Manuel Bandeira, entre os dez convidados, haviam aceitado o convite. Murilo se refere a seu texto intitulado “Saudação a Ungaretti”, e agradece Candido pela sua nota a respeito da sua obra. Numa resenha sobre uma antologia com quarenta e oito poemas de Murilo – publicada na França, em 1957, e intitulada *Office humain*, com tradução de Dominique Braga e Saudade Cortesão – Antonio Candido observa que o humor ainda está presente na obra muriliana mesmo que de forma mais contida e sublimada, se comparado com seus primeiros livros: o humor, que o poeta preferiu abafar a partir de certa altura, persiste todavia como elemento básico de perspectiva, e mesmo de composição, “facilitando as combinações insólitas de tão grande efeito, e corrigindo certos pendores ocasionais

para a grandiloquência” (Candido *apud* Moura, 1995, p. 70). Murilo promete enviar ao crítico o volume *Poesias (1925-1955)*, publicado em 1959 pela J. Olympio, que reúne a sua obra completa até então, com a exclusão de *O sinal de Deus e História do Brasil*:

Meu caro Antonio Candido,

Recebi ontem sua boa carta de 20 de março. Levou portanto 1 mês a chegar aqui; volta e meia acontecem casos assim, o que por vezes nos atrapalha. Agradeço-lhe muito o ter aceitado o convite para colaborar na homenagem a Ungaretti. A demora na chegada da sua carta foi o diabo, pois as colaborações deverão ser entregues até 15 de maio – pelo menos teoricamente. Serão reunidas em volume. Espero pois ansiosamente o texto prometido, que poderá, se desejar, ser curto. Seu depoimento será sem dúvida valioso e salvará a honra da nossa cultura, pois, dos 10 ilustres escritores brasileiros a quem me dirigi, só um mandou um texto – nosso querido Bandeira, com uma saudação em quatro linhas, mas em todo o caso assinada “Manuel Bandeira”. Achei excelente a ideia de se publicar uma página no “Estado” sobre Ungaretti, que em diversas conversas (vá lá a rima!) comigo revela seu interesse pelo Brasil. Vou mandar-lhe o texto de saudação que fiz aqui em fevereiro a U.; talvez possa ser aproveitado na página em projeto. Pondo de lado a modéstia: a saudação foi muito divulgada e elogiada pela imprensa italiana.

Na continuação da carta, Murilo menciona o estudo de Candido sobre Graciliano Ramos² e a tese de doutorado de Gilda sobre moda e sociedade, *A moda no século XIX: ensaio de sociologia*

2 Luís Bueno, no artigo “Antonio Candido: leitor de Graciliano Ramos”, se dedicou a reconstruir as leituras de Candido sobre a obra do autor alagoano: “Quando Antonio Candido se debruçou sobre a obra de Graciliano Ramos, em 1945, pouco havia além das resenhas surgidas por ocasião da edição ou eventual reedição dos livros, num tempo em que a polarização ideológica dividia os intelectuais de forma radical. O esforço de empreender uma leitura do conjunto da obra, como é compreensível, dada a sua novidade, ainda estava por ser feito. [...] Ou seja, os textos de Antonio Candido, publicados em jornal quando do lançamento de *Infância* em 1945, que, acrescidos e refundidos, viriam a compor o ensaio “Ficção e Confissão”, são de fato pioneiros como tentativa de encontrar os motivos centrais do conjunto da obra de Graciliano. Além disso, pertencem à época que o crítico reconhece ser aquela em que pagou o seu tributo a uma crítica empenhada, ou seja a uma crítica que, pelo seu engajamento

estética, publicada em 1987³. A missiva se destaca por colocar em evidência a importância que Murilo atribuía à crítica realizada por Candido a respeito da sua obra; além disso, o poeta aponta para uma das características de sua trajetória poética: o fato de não ser “um poeta para multidões”:

Lemos com grande prazer e proveito sua monografia sobre Graciliano, e a de Gilda sobre moda e sociedade. Vocês dois, não há a menor dúvida, constituem um dos casais mais notáveis do Brasil. Diga-se por via postal o que não se tem coragem às vezes de dizer à queimadura. Seu estudo é uma investigação em profundidade da arte de Graciliano, com agudas observações sobre o homem; além de outros méritos, teve para mim a vantagem de chamar a atenção para as *Memórias do Cárcere*, que até agora desconheço, e vou encomendar no Rio. Quando sairá seu estudo sobre a literatura brasileira? Espero-o com o maior interesse desde o ano passado. (Desculpe ter cortado a parte baixa da página anterior. Está aqui perto um operário-bombeiro fazendo um serviço, e me interrompendo a cada minuto, fazendo-me errar no fim da página). Quanto ao ensaio de Gilda, revela cultura refinada e *aggiornata*, como se diz aqui. Escrito com elegância digna

político, tem a tendência de obnubilar a liberdade mental do leitor. Como veremos, o grau em que isso ocorreu com Antonio Candido em relação a Graciliano Ramos é mínimo e o leitor superou com facilidade as dificuldades impostas pelo crítico interessado” (Bueno, 2008, p. 74).

3 Conforme o estudo de Heloísa Pontes: “Gilda de Mello e Souza tinha 31 anos quando escreveu *A moda no século XIX: ensaio de sociologia estética*. Apresentado originalmente sob a forma de uma tese de doutorado defendida, em 1950, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Roger Bastide (de quem a autora era assistente na cadeira de Sociologia I), o trabalho e a história da sua recepção dão pano para manga. Sobretudo, se no lugar de nos atermos apenas (o que não é pouco) à apreensão pormenorizada da análise sutilíssima e inovadora que a autora faz da moda, ensaiarmos uma leitura enviesada do livro com o intuito de entrelaçá-lo à situação mais geral das mulheres que, como Gilda, se profissionalizaram na Faculdade de Filosofia. Simbólica e metonimicamente associada ao universo feminino, a moda ganhou nas mãos de Gilda um tratamento estético e sociológico preciso que, se estava em conformidade com o ‘espírito científico’ implantado na Faculdade de Filosofia, dele destoava e se distanciava em muitos aspectos. A começar pela forma de exposição do trabalho. Ensaio sociológico, sem dúvida. Redigido, porém, com aquela prosa apurada de quem domina as manhas da escrita, num momento em que ‘escrever bem’ deixara de ser uma das qualidades essenciais na atribuição de valor intelectual de um trabalho acadêmico. (Pontes, 2004, p. 15-17).

do assunto, seus pontos de vista são muito justos – opinião esta da Saudade, que conhece muito melhor do que eu o assunto. Esperamos que a mãe carinhosa não abafe a escritora. E – *last but not least* – agradeço-lhe a remessa do recorte com sua preciosa nota sobre *Office humain*. Seu juízo é dos poucos que verdadeiramente contam para mim; é assim que um poeta se sente justificado. Bem sei que nunca serei um poeta para as multidões; mas o fato é que escrevi pa. me comunicar, sendo sensível à opinião de uma meia dúzia de pessoas altamente categorizadas, em que o incluo. Seu carinho e compreensão da minha obra, revelados de maneira inequívoca nessa nota, constituem para mim um encorajamento (apesar dos meus 56 anos). Diante disto, e com redobrado interesse, lhe mandarei um ex. das minhas *Poesias* (quase completas) que devem estar rodando nos prelos de José Olympio. Mas estarão mesmo?... Fiz em 1956 uma revisão total dos meus livros; minha intenção foi chegar a um texto o mais apurado e enxuto possível. Terei conseguido?... V. dirá, espero, sim ou não. Aceite com a Gilda o afetuoso abraço de Saudade e deste seu amigo e admirador devotado Murilo.

Na carta de 17 de maio de 1959, na qual Murilo agradece o envio do texto sobre Ungaretti, o poeta afirma, a respeito da guerra da Argélia, algo parecido ao que escreveu para sua irmã Virgínia⁴. Murilo, também, lamenta a morte do crítico francês Henri Martineau (1882-1958), grande estudioso da obra de Stendhal:

4 Na carta de 20 de março de 1962, Murilo escreveu para Virgínia: “Querida Virgínia, decididamente nossa correspondência congelou-se. Da minha parte, mea culpa: estou escrevendo um livro (prosa), tenho solicitações de trabalho por todos os lados, e vou adiando o grande prazer de lhe escrever, sabendo que você, irmã e amiga, perdoa o atraso – ao passo que outros não o farão tão facilmente. Vamos indo sem maiores novidades. Como sempre, preocupo-me demais com a situação do mundo, e sofro muito. Talvez aí as coisas, devido à distância, não tenham tão grande repercussão. Aqui, repercutem fortemente. O drama da Argélia toca a França, e a França está a 1 hora de avião de Roma. Em Portugal passam-se também coisas terríveis – assassinatos e prisões de artistas e escritores. A imprensa daí não grita?... Devem saber de alguma coisa, pelo menos. As notícias que nos chegam da situação brasileira são também inquietantes. Não se sabe para que lado se virar”.

Meu caro Antonio Candido, desta vez o correio brilhou, e sua carta e o artigo chegaram aqui ontem, junto com a notícia do 3º Sputnik. Muito obrigado por tudo. Seu artigo é excelente, e salva a honra do Brasil. Notável evocação do poeta e do professor, que você conseguiu fixar num texto curto e de grande densidade. Quando sair a projetada publicação de homenagem, mandar-lhe-ei logo um exemplar.guardo ansiosamente a saída do seu novo livro. Não tenho a menor dúvida que será de importância capital para nós. Pena é que em geral esses editores da era atômica sejam movidos a carvão. Não sei se chegou aí a notícia de Henri Martineau, em abril. O que senti bastante, como velho e fervoroso leitor de Stendhal. De resto, conhecia-o pessoalmente, tendo-o visitado duas vezes no seu bureau de St. Germain-des-Prés. As notícias sobre a França e a Argélia deixam-me um grande mal-estar. A burguesia francesa terá que pagar duramente seu egoísmo e incompreensão da virada de página do mundo. Todas essas manobras da direita, entre o vulgar e o trágico, não poderão deixar de conduzir ao desastre. No país que fez a Revolução, tais cousas são particularmente absurdas – e sinistras. Adeus, meu caro Antonio Candido com a charmante Gilda aceite muitas recomendações de Saudade e o afetuoso abraço do seu certo / admirador Murilo.

Murilo escreveu de Lisboa, em 29 de julho de 1959, uma carta com a qual enviou o livro do filólogo italiano Giorgio Pasquali que Candido havia solicitado:

Meu caro Antonio Candido,
Grato pela sua excelente carta. Pus-me logo em campo para procurar os livros indicados, mas só encontrei o de Pasquali. Seguiu para aí, a cuidado da Livraria Hoepli, uma das mais importantes da Itália, como sabe. Aceite-o como lembrança minha. Queira confirmar o recebimento. Quanto aos outros, estão de há muito esgotados. Fui a um alfarrabista que me informou serem as pesquisas (feitas em diversas cidades) caríssimas, pois implicam publicações em jornais e revistas especializadas etc. De qualquer modo, caso queira, não hesite em me escrever à ma. volta pa. Roma (fins de setembro), tratarei do caso com

prazer. Dei suas lembranças ao Ungaretti que as retribui. Interpelei o prof. Piccioni a respeito da saída do no. de homenagem ao poeta: disse-me que tinham resolvido esperar a publicação pa. não colidir com o no. de *Letteratura*, saído há tempo, também em homenagem a U. Pelo folheto que me mandou fiquei informado a respeito do quadro de professores da faculdade. Parece que vocês contam com gente boa. Mas penso não errar dizendo que a grande figura da F. é você. Gilda, estou esperando a foto prometida. Continuamos admirando o heroísmo de vocês. De gente desta têmpera é q. o Brasil precisa. Adeus, caríssimos. Lembranças e carinhos à jovem tribo. Afetuosos abraços de Saudade e deste vossíssimo Murilo.

De Roma, em 14 de janeiro de 1960, Murilo escreveu acusando o recebimento do livro de Candido, *Formação da Literatura Brasileira* (1959), considerado por ele um precioso instrumento de trabalho para as aulas a serem ministradas. Murilo reclama das gralhas, assunto que retoma em muitas cartas enviadas para Laís Corrêa de Araújo:

Caríssimo Antonio Candido, recebi anteontem os dois volumes da *Formação da Literatura Brasileira*. Arrisco-me a repetir a fórmula banal, mas verdadeira: foi para mim um grande prazer o receber esta obra. Inútil dizer-lhe que vou estudá-la, mais do que lê-la. Será para mim um precioso instrumento de trabalho. Mas, logo ao primeiro contato, folheando-a, vou intuindo sua riqueza de conteúdo, a inteligência dos planos, o *aggiornamento* das opiniões e dos pontos de vista. Muito obrigado por este magnífico presente. Espero que tenham recebido um ex. das mas. *Poesias*, que lhes mandei na José Olympio. Confesso que não tive grande gosto em oferecer esse livro, crivado de gralhas – e com uma errata parcial. Afetuosas lembranças e saudades nossas a Gilda. Um forte abraço do seu Murilo.

No P.S., Murilo acrescentou: “Muitas lembranças ao Jorge de Sena – se estiver aí”. Em primeiro de fevereiro de 1960, o poeta escreveu convidando Antonio Candido para um encontro de escritores em Gênova. Murilo enaltece “a enorme

cultura sem pedantismos” do crítico ao comentar suas impressões a respeito de *Formação da Literatura Brasileira*, destacando a capacidade de Candido em encontrar um novo caminho “de orientação crítica, que se distingue ao mesmo tempo do método impressionista, evidentemente esgotado, e de certos exageros da crítica estilística alemã, inglesa e norte-americana”. Murilo se refere ao Instituto *Columbianum*, que, segundo Maria Betânia Amoroso (2013, p. 120), nasceu de uma orientação católica a partir da iniciativa do cineclubes genovês *Cineforum*, idealizado pelo padre Angelo Arpa, “figura central e com carisma, cuja vida é emblemática síntese do interesse” da Itália pelo Brasil. Segundo Amoroso, nesse novo desenho de interlocução entre as duas culturas, o *Istituto Columbianum* chamou a atenção da Itália para a América Latina, tendo sido principalmente responsável pela divulgação de filmes e diretores do Cinema Novo brasileiro: entre 1960 e 1965, o destaque é dado para o cinema feito no Brasil (Amoroso, 2013, p. 121). Na carta para Candido, Murilo descreve, também, o que considera as três peculiaridades de seu interlocutor (“escritor, crítico e sociólogo”):

Caríssimo Antonio Candido, o *Columbianum*, organização cultural recentemente fundada em Genova, cujo escopo principal consiste em trazer para a Europa a problemática da Europa Latina, digo da América Latina, solicitou-me que indicasse um grande nome de escritor brasileiro que pudesse apresentar, com relativa urgência, um ensaio sobre uma figura ilustre do nosso país, um “emancipador mental”. Tomei a liberdade de indicar seu nome. O *Columbianum* é uma associação católica; mas, pelas informações que tomei, pelos contatos que estabeleci, em carta, com seu diretor, o padre Angelo Arpa⁵, ou pessoalmente com seu secretário, Amos Segala⁶, parece-me coisa decente, de espírito largo e aberto. Tenho em mãos a 1ª publicação dessa entidade; nela colaboram,

5 Angelo Arpa (1909-2003), escritor e produtor cinematográfico italiano.

6 Amos Segala (1931-2016), intelectual italiano, foi promotor e mediador da literatura latino-americana através do Instituto *Columbianum* e, em seguida, nos *Archives* de Paris.

entre outros, Jean Cassou⁷, Roger Bastide⁸, Julian Gorkin⁹, além de outros nomes que nos oferecem garantias contra o sectarismo, que – é supérfluo acrescentar –, eu detesto, justamente porque sou católico, isto é, voltado para o universal; e também por temperamento e formação. Devo dizer-lhe que o *Columbianum* havia me convidado para escrever um ensaio sobre um dos “emancipadores mentais” nossos. Pensei em Sílvio Romero; em Euclides; em Castro Alves; em Mário de Andrade. Acontece, porém, que o ensaio deveria ter implicações sociológicas e políticas, e eu não me sinto competente para desempenhar-me desta tarefa. Pelo que declinei do convite atual, reservando-me o direito de interferir em outra oportunidade em que o poeta possa funcionar mais à vontade. Eles voltaram à carga e então me pediam que eu indicasse um nome, sendo você escritor, crítico e sociólogo, pareceu-me seu nome indicadíssimo; e – sem sombra de modéstia – eles só terão a lucrar com a troca. Disseram-me que lhe escreveriam logo. A mim eles não falaram em pagamento, mas espero que sim a V. – mesmo porque, segundo me revelou Amos Segala, eles têm recursos financeiros. Estou metido no estudo do seu livro, e a cada nova leitura me interessa mais. Como lhe escrevi no outro ano, eu sabia que seria pa. mim um precioso instrumento de trabalho. Alguns de seus juízos, de raro equilíbrio e significação, parecem-me definitivos. E sua enorme cultura se apresenta sem sombra de pedantismos. O que me deu também um grande prazer foi constatar que v. encontrou um novo caminho de orientação crítica, que se distingue ao mesmo tempo do método impressionista, evidentemente esgotado, e de certos exageros da crítica estilística alemã, inglesa e norte-americana, apoiada demais em números estatísticos. Adeus meu caro. Nossos afetuosos abraços a Gilda, e carinhos à jovem tribo. Lembranças ao Jorge de Sena. Como vai ele?

7 Jean Cassou (1897-1986), escritor e crítico de arte, foi o primeiro diretor do *Musée national d'Art moderne*, em Paris.

8 Roger Bastide (1898-1974), antropólogo e sociólogo francês, lecionou na Universidade de São Paulo, entre 1937 e 1954.

9 Julian Gorkin (1901-1987), escritor espanhol.

No P.S da carta, Murilo escreveu: “Soube que a Agir comprou 500 exs. do meu último livro *Tempo espanhol*, saído recentemente em Lisboa. Não sei, entretanto, se a mesma vai distribuir exs. entre nossos críticos e poetas mais categorizados. Caso v. não receba aí seu ex., escreverei a Lisboa pa. que v. e Gilda tenham um. Faço questão que o leiam”. Em 23 de outubro de 1960, Murilo escreveu a Candido mandando lembranças para Jorge de Sena e sua esposa Mécia, além de relatar um encontro no Porto com o escritor Óscar Lopes, que é citado também em *Janelas verdes* (1989). Na missiva, o poeta menciona, também, o falecimento do sogro, o grande historiador português Jaime Cortesão:

Meu caro Antonio Candido,
Só agora, – v. compreenderá bem isto – consigo retomar a pena. Desculpe-me, pois, o atraso desta. Saudade e eu somos muito gratos a você e Gilda pela vossa manifestação de pesar, que muito nos sensibilizou. De fato o golpe foi duríssimo. Meu sogro, além do grande historiador e escritor que v. sabe, era um homem afetuosíssimo, adorado por todos. Seus funerais foram uma cousa impressionante. As pessoas se abraçavam chorando. Procuramos nos refazer; mas ainda estamos meio sonâmbulos. Lembranças ao Jorge de Sena e D. Mécia. Conhecemos desta vez no Porto o Óscar Lopes – nobre exemplar de humanidade. Gostamos imenso dele. Aceite com Gilda os afetuosos abraços de Saudade e deste mto. seu admirador Murilo.
P.S.: tenho feito boa liga com o seu amigo Ruggero Jacobbi, sujeito notável.

Em 14 de abril de 1962, Murilo escreveu mencionando uma visita à Itália de Candido e o envio de um exemplar do já citado volume *Finestra del caos*:

Caríssimo Antonio Candido,
Grazie infinite pela sua boa carta. Você não tem nada a agradecer. Nós é que lhe somos gratos de nos ter dado algumas horas do seu curto *soggiorno* romano. Contato que, embora rápido, constituiu um grande prazer para nós. Com efeito, não é todo dia que se podem encontrar pessoas da sua qualidade – tanto intelectual quanto humana. Oxalá esse encontro se renove muitas vezes – seja na Europa, seja no

Brasil. Grato ainda pela referência tão bondosa que espontaneamente quis fazer no seu relatório ao Departamento cultural. Vindo de um homem como você, isto me honra muito. Aqui estou a sua disposição para tudo em que lhe puder ser útil, não faça cerimônias. Logo que o editor milanês me forneça mais alguns exemplares da plaqueta a que você alude – creio que *Finestra del caos*¹⁰ – mandarei um v. a v. por via aérea. E aqui muito saudoso me despeço; com Saudade abraço-o afetuosamente e à cara Gilda, a quem recordo uma promessa de mandar fotos de toda a tribo. Seu amigo e admirador certo Murilo.

Em 31 de março de 1963, Murilo escreveu enviando um artigo seu para Candido, deixando-o livre para fazer as adaptações que quisesse. O poeta elogiou, também, o ensaio de Gilda sobre *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, intitulado “O vertiginoso relance”, e publicado na revista *Comentário* (RJ):

Meu caro Antonio Candido, recebi com grande atraso sua amável carta, pela qual muito lhe agradeço. É este o motivo da resposta também seguir tarde. Junto lhe envio o texto pedido. Você poderá fazer a adaptação como bem entender. Dou-lhe carta branca. O jornalista detestou muito a disposição dos parágrafos. Inclusive (não sei se por culpa dele, quero crer que não) meu texto saiu confundido com o nariz de cera. Esse texto de fato começa com o período: “Nossa época, nascida sob o relativismo...” rogo-lhe o favor de me devolver, depois de usada, essa página, da qual só tenho um ex. Inútil dizer que alguns sub-títulos são pedantes, e não meus. Muito gratos a Gilda pelo seu belo artigo, tão lúcido e agudo, sobre *A maçã no escuro*. É pena que Gilda não publique mais coisas. Naturalmente são os deveres de mãe a impedi-la. Gostaria de me estender um pouco mais; fica para outra vez. É que estou cercado de trabalho por todos os lados. Supérfluo dizer que aguardo com grande ansiedade

10 Trata-se de uma antologia de poemas traduzidos por Giuseppe Ungaretti. Foi publicada na revista *L'Europa letteraria*, em 1960 e, em livro, em 1961 (Milão, *All'Insegna del Pesce d'Oro*).

a nova antologia que não poderá deixar de ser ótima, agora não é só o escritor quem torce: também o professor. A v. e Gilda os mais afetuosos abraços com os melhores votos de Saudade e deste seu certo amigo e admirador.

Além do cartão de votos de felicidade para 1964, está conservada, no acervo, a carta de 15 de março de 1964, na qual Murilo escreveu mencionando uma temporada de Antonio Candido na universidade *Sorbonne* de Paris. O poeta pergunta, ainda, se o crítico possuía um depoimento que Murilo havia concedido a Vera Pereira, intitulado “Toda boa e autêntica poesia é de vanguarda” e que havia sido publicado em 23 de setembro de 1961 no *Jornal do Brasil*:

Querido Antonio Candido, soube pelo Escorel que você virá breve para a Sorbonne. Parabéns a você, a França e ao Brasil. Parabéns a nós todos, homens de cultura. Fiquei tão satisfeito com a notícia, que resolvi logo escrever-lhe, com todas estas felicitações. Esperamos que venha(m) a Roma, e que possamos mais uma vez nos encontrar na Europa. Gostaria de saber se você recebeu o documento que lhe mandei o ano passado – uma página do supl. lit do *Jornal do Brasil* com um depoimento meu. Estou reunindo certos papéis em vista de um provável livro, e dei por falta daqueles. Só possuía o ex. que lhe enviei. Quando sairá sua antologia da literatura brasileira? Estou ansioso; além de outros motivos, será um ótimo instrumento de trabalho. Escorel e eu temos feito boa liga; falamos sempre em você(s). Aceite com a Gilda os melhores abraços de Saudade e deste seu certo Murilo.

Em 16 de junho de 1968, Murilo escreveu a respeito de José Costa Miranda, leitor de português na Universidade de Roma, que estava vindo para o Brasil pela primeira vez com uma bolsa de pesquisa¹¹:

11 Conforme reconstruiu Rita Marnoto: “A 21 de Agosto de 2003, faleceu, aos 77 anos de idade, na sua casa de Oeiras, José da Costa Miranda, vítima da doença do foro neurológico de que sofria. Professor de literatura italiana, impulsor de tantas iniciativas destinadas à promoção e à divulgação da italianística em Portugal, bem como ao fortalecimento do intercâmbio entre as duas culturas, publicou

Querido Antonio Candido,
É com prazer que lhe apresento o prof. José da Costa Miranda, leitor de português na Universidade de Roma. Ele vai pela primeira vez ao Brasil com uma bolsa de estudos, a fim de fazer pesquisa sobre certos temas da nossa literatura. É óbvio que não poderia deixar de recorrer às luzes de mestre Antonio Candido. O S. Costa Miranda é pessoa extremamente simpática e agradável; aberto ao diálogo e à convivência humana. Há muito que não tenho notícias diretas de vocês. Quando puder, mande-me umas linhas. Aceite com a querida Gilda e as meninas (uns amores) afetuosos abraços de Saudade e deste seuíssimo Murilo.

Na carta de 11 de outubro de 1968, Murilo alude à dedicatória a Candido em *Retratos-relâmpago* (àquela altura ainda com o título de *Figuras*), um de seus “numerosos livros em prosa” escritos durante a fase italiana. Murilo conceitua o tríplice recorte de que o livro se compõe: “poesia, informação e crítica”:

Querido Antonio Candido, o fim especial desta é comunicar-lhe que um de meus numerosos livros em prosa, inéditos, escritos nos últimos anos, *Figuras* é dedicado a Antonio Candido de Mello e Souza. É para mim um grande prazer prestar esta simples homenagem a um homem e intelectual exemplar, que desde tantos anos admiro, admiração esta acompanhada de afetuosa amizade. O livro contém uma série de pequenos “portraits” de poetas, escritores, filósofos, artistas, etc, da minha vida (alguns deles, bem entendido). Começa por Homero. Não é nada estrutural. Voluntariamente quis fazer um livro de poesia, informações, e uma ou outra referência crítica. Voilá. Aceite com Gilda e os amores das meninas afetuosos abraços de Saudade e do muito seu Murilo.

Em 21 de novembro de 1972, Murilo escreve, para os “queridos Antonio Candido e Gilda”, a última carta dossiê, na qual pede desculpas pelo atraso no envio de notícias

alguns dos seus fundamentais ensaios na revista *Estudos Italianos em Portugal*, a cujos corpos pertencia. Durante o período em que foi leitor de Português nas Universidades de Roma e de Milão e também bolsheiro da Universidade de Pádua, acompanhou a atividade dos grandes mestres das Universidades italianas. Regressado a Portugal, a vastidão dos seus interesses culturais e a sua vocação para desenvolver processos de cooperação com dimensões internacionais levaram-no até ao então designado Instituto de Alta Cultura, onde assumiu o cargo de Secretário-Geral” (Marnoto, 2005, p. 287-288).

por conta de uma labirintite¹², e lamenta não ter ido a São Paulo em ocasião de sua última viagem ao Brasil (em 1972):

Peço-lhes mil desculpas pelo atraso desta. Em outubro tive acessos de labirintite, que me deixaram abatido; não escrevi nem uma linha a ninguém; e em novembro houve uma *ennesima* greve dos correios italianos, pelo que recebi extravio. Agradeço-lhes imenso o “vosso” telegrama, tão generoso e amigo. Infelizmente não pude ir a S. Paulo, pois tive que antecipar minha volta pa. Lisboa, devido à inauguração da exposição de cartazes d’arte italianos, feita ali (com grande sucesso) por Saudade; manifestação marcada para 10 de outubro, e que finalmente, por motivos técnicos, foi inaugurada a 26 de setembro. Foi para mim uma gde. satisfação visitar Ana Luísa e Eduardo, tão simpáticos, tão inteligentes, dignos expoentes das duas grandes famílias, e conhecer a maravilhosa Clarisse, parabéns. Vai aqui toda a minha admiração e afeto por vocês, duas flores da espécie humana. Gratíssimo, íssimo, íssimo. Os mais afetuosos abraços de Saudade e Murilo.

No dossiê da correspondência, há, também, um cartão de votos de final de ano sem data.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de informações sobre a biografia dos autores e sobre o contexto histórico e cultural, a correspondência entre Murilo Mendes, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza menciona, entre outros, autores como Homero, Stendhal, Dostoievski, Sílvio Romero, Castro Alves, Euclides da Cunha, Manuel Bandeira, Mário de Andrade,

12 Há uma carta para Laís Corrêa de Araújo, escrita em 23 de novembro de 1972, na qual Murilo menciona novamente a crise de labirintite: “Desculpe-me o atraso desta: motivos principais, acessos de labirintite que me trazem desânimo, e frequentes greves nos correios italianos (situação alarmante). Não havia ainda escrito nem para a minha família” (Mendes *apud* Araújo, 2000, p. 217).

Giuseppe Ungaretti, Roger Bastide, Giorgio Pasquali, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Jorge de Sena, Óscar Lopes. As cartas também trazem à tona notícias relevantes a respeito de obras fundamentais dos três autores: *Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Candido, definido por Murilo “um precioso instrumento de trabalho”, pela “riqueza de conteúdo” e pela “inteligência dos planos”; a tese de doutorado de Gilda sobre moda e sociedade, intitulada *A moda no século XIX: ensaio de sociologia estética*, publicada em 1987; e diversos livros de Murilo: *Tempo espanhol*, *Poesias (1925-1955)*, *Office humain*, *Finestra del caos* e *Retratos-relâmpago 1ª série*, dedicado ao próprio Antonio Candido. Na carta de 1º de fevereiro, é interessante notar a definição dada por Murilo à tripartição de especificidades intelectuais de Candido: “Crítico, escritor e sociólogo”. Outro elemento de destaque é o uso de italianismos feito por Murilo nas missivas (“*grazie infinite*”, “*aggiornato*”, “*aggiornamento*”, “*soggiorno*”, “*ennesima*”), fenômeno detectado por Antonio Candido, no já citado artigo sobre *A idade do serrote*:

Esse trânsito entre duas línguas, ao mesmo tempo natural e insólito, simboliza a atitude de Murilo, generalizando por meio da superação de fronteiras, usando o excepcional como se fosse corriqueiro, não recorrendo às tabuletas prudentes do grifo, da aspa, do destaque de citação – mas fundindo os contrários e uniformizando na universalidade da linguagem poética os particulares de cada língua (Candido, 1989, p. 60).

Naturalmente, as obras da fase italiana abundam de italianismos: por exemplo, na parte final de *Janelas verdes*, foram postas as “Notas do autor”, nas quais algumas palavras são em italiano, como “*ohimè*”, “*ovunque*”, “*a malincuore*”, “*saltuariamente*”, “*arrabbiato*”, “*industria*”, “*barlume*”, “*a vicenda*”. Outras são abrasileiradas, como “*sistemado*” (do italiano “*sistematato*”), “*dileguar-se*” (“*dileguarsi*”) e “*popolanas*” (“*popolane*”). Em *A idade do serrote*, encontram-se provérbios, ditos populares, interjeições, palavras, frases, sintagmas, trechos de poemas em italiano: “*farfallone amoroso / notte e giorno dintorno girando, / delle belle turbando il riposo*” (Mozart, *Le nozze di Figaro*, texto de Lorenzo da Ponte), “*fascino*”, “*Mal secreto*”, “*Così fan tutte*”, “*ahimè*”, “*Pur che porti la gonnella...*”, “*Primavera per me pur non è mai*” (Petrarca), “*lingua mortal non dice...*” (Leopardi) etc.

“YOUR JUDGMENT IS ONE OF THE FEW THAT TRULY COUNTS FOR ME”: MURILO MENDES WRITES TO ANTONIO CANDIDO (1958-1972)

ABSTRACT: This article aims to present and contextualize 15 unpublished letters sent, from Rome, by Murilo Mendes to Antonio Candido, between 1958 and 1972. Although it is a single-copy correspondence, deposited in Murilo Mendes' collection in Juiz de Fora, the missives bring relevant information about the trajectory not only of Antonio Candido and Murilo Mendes, but also of Gilda de Mello e Souza.

KEYWORDS: Murilo Mendes; Antonio Candido; Unpublished letters; Poetry; Brazilian literature.

“TU JUICIO ES DE LOS POCOS QUE REALMENTE CUENTA PARA MÍ”: ESCRIBE MURILO MENDES A ANTONIO CANDIDO (1958-1972)

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar y contextualizar 15 cartas inéditas enviadas, desde Roma, por Murilo Mendes a Antonio Candido, entre 1958 y 1972. Aunque se trata de una correspondencia unidireccional, depositada en la colección de Murilo Mendes em Juiz de Fora, las missivas traen información relevante sobre la trayectoria no sólo de Antonio Candido y Murilo Mendes, sino también de Gilda de Mello e Souza.

PALABRAS CLAVE: Murilo Mendes; Antonio Candido; Cartas inéditas; Poesía; Literatura brasileña.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, Maria Betânia. *Murilo Mendes: o poeta brasileiro de Roma*. São Paulo: Editora Unesp; Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, 2013.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. 2.^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2000 [1972].

BUENO, Luís. Antonio Candido leitor de Graciliano Ramos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 74, p. 71-85, jan./abr. 2008.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª edição. São Paulo: editora Ática, 1987, p. 51-69.

CANDIDO, Antonio. “Pastor pianista / pianista pastor”. In: CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 3ª edição. São Paulo: editora Ática, 1989, p. 81-96.

ESCOREL, Lauro. As metamorfoses. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 8 out. 1944.

MARNOTO, Rita. José da Costa Miranda in memoriam. *Estudos italianos em Portugal*, n. 1, p. 287-288, 2005.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOURA, Murilo Marcondes. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

PONTES, Heloisa. Modas e modos: uma leitura enviesada de *O espírito das roupas*. *Cadernos pagu* (22), p. 13-46, 2004.

Submetido em 22 de dezembro de 2024

Aprovado em 15 de junho de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025
